MEMÓRIAS DE UM GUERRILHEIRO: ZEZINHO DO ARAGUAIA

MEMORIES OF A GUERRILLA: ZEZINHO DO ARAGUAIA

Luiza Helena Oliveira da Silva¹

¹Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) – Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
Contato: luiza.to@uft.edu.br

Resumo: *Este trabalho se inscreve como exercício de literatura de testemunho, tomando como ponto de partida relatos de Michéas Gomes de Almeida (1934 -), conhecido por seu codinome Zezinho do Araguaia. Zezinho foi militante do PCdoB no contexto de luta contra a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), um dos poucos sobreviventes dos confrontos com as forças militares durante a Guerrilha do Araguaia (1972-1975). O relato foi concedido em 2020, por meio digitais audiovisuais (live), em encontro virtual do qual participaram pesquisadores do GESTO – Grupo de Estudos do Sentido/Tocantins – que desenvolvem trabalhos que aliam estudos em semiótica discursiva, ciência política, literatura. Mediante o trabalho errático da memória, sua não linearidade, sua dispersão, optamos por tentar registrar o esforço de narrar o vivido, com os impactos da memória no sujeito que evidencia a construção de sentidos no presente da enunciação.*

Abstract: *This text is an exercise in testimony literature, taking as its starting point reports by Michéas Gomes de Almeida (1934 -), known by his codename Zezinho do Araguaia. Zezinho was a member of the PCdoB in the context of the struggle against the Brazilian civil-military dictatorship (1964-1985), one of the few survivors of the clashes with the military forces during the Guerrilha do Araguaia (1972-1975). The report was granted in 2020, through digital audiovisuals (live), in a virtual meeting attended by researchers from GESTO - Group of Studies of Sense / Tocantins - who develop works that combine studies in discursive semiotics, political science, literature. Through the erratic work of memory, its non-linearity, its dispersion, we chose to try to register the effort to narrate the lived, with the impacts of memory on the subject that evidences the construction of meanings in the present of the enunciation.*

A firmeza dos apertos de mão das autoridades no aeroporto fez Michéas sentir-se um verdadeiro chefe de Estado, orgulhoso por merecer a confiança do partido. Ativista desde a juventude, entrou para a clandestinidade por fazer parte das listas dos procurados. Usou vários codinomes. Em Goiânia, era Michel.

Chegou à China como Mário, mas ganhou o apelido de Zé Minhoca em uma partida de futebol. Virou Zezinho.

Taís Moraes e Eumano Silva

Sou Zezinho do Araguaia, como então todos me chamam, já combinando de antemão que seria esse o tratamento. O codinome do guerrilheiro sobrepõe-se como que natural nesse acordo frente a outras camadas do sujeito Michéas, uma dobra de minhas muitas vidas. Narro como Zezinho, porque interessa contar essa história da militância no PCdoB. Em minha casa em Goiânia, ao lado, está um rapazinho que me ajuda com a tecnologia, convidado para essa entrevista *online*. Há uma pandemia. Minha idade me impede de sair, porque há riscos demais e essa doença não dá sinais de acabar. Estou em Goiânia, e sei que ali na tela, naqueles rostos confusos que dançam na tela, está gente de Porto Alegre, São Paulo, Brasília, Araguaína, Imperatriz, Pedreiras. Eu rio, enquanto narro devagar. Eu quero muito contar. Eu acho importante contar.

A memória não vem em linha reta. Viver não é uma linha reta. A mulher que me faz a primeira pergunta parece descrever disso, com uma questão para ela elementar. Mas devo narrar das origens e esse nascedouro tem muitos igarapés. Como me tornei um militante? Minha tribo foi engolida pela cidade que cresceu. Sem briga nenhuma. Sem resistência, engoliu minha tribo e não há mais caetés, só o nome do rio, que é muito bonito. Fui ferroviário em Macapá e, numa reunião do sindicato, soube que, em Goiás, havia uma república camponesa. O amigo que me contou nem sabia dizer onde ficava Goiás, mas sabia dessa república e eu quis ir para lá. Parti para Belém antes. Vou tentando mostrar a essa gente o fio da história. Não dá para falar do golpe de 64 sem lembrar Washington Luís e Getúlio Vargas. Mostro causa e consequência, porque a história do país é irreal. Nossa terra foi grilada e dizem que foi descoberta. Eu preciso falar, desmentir essa história irreal, ecoar outra que essa gente ainda não ouviu. Fui então para Brasília porque lá havia muita gente e alguém me daria o rumo dessa terra sob organização política de base camponesa.

Genóino fica impaciente, quer que confirme nomes. Sua insistência me faz confundir as datas, as décadas e abre mais lacunas que achei que estavam bem guarnecidas. Os sentidos não estão conformados numa sintaxe previsível que posso apenas ir lá recuperar, como um poço sobre o qual lanço um balde que trará água à

superfície para calar a sede. Eles saltam, inventam percursos, a vida é enviesada demais.

Sim, eu sei, não me apressem, deveria falar do meu treinamento na China, mas me lembrei do encantamento pela catedral de Notre Dame, as paredes de pedra de 4 metros de largura. A catedral me encheu os olhos de espanto. Não era então exagero que as paredes tivessem aquele tamanho todo? Eu sei que não é o que deveria dizer agora, mas é a imagem daquela edificação que me vem límpida diante dos meus olhos com toda a sua presença. Ela se sobressai a qualquer pergunta. Ela me subtrai da linha de novo. Não sou eu quem decido o que minha memória faz emergir, o que ela diz ser saliente, memorável. Lembrei a catedral, a emoção do encontro revisitada neste momento em que falo. Também acho relevante narrar o que na vida nos encanta.

Como fui depois à China? Era treinamento. Treinávamos para o combate que se daria depois nas florestas amazônicas do sul do Pará, aprendendo a manusear armas. A guerrilha teria como modelo a experiência de Zé Porfírio. Gastamos quatro dias para chegar a Trombas e Formoso, levando medicamentos. Quando encontrei Zé Porfírio, eu o abracei e chorei. Quatro dias em lombo de burro. Era ali a república que tinha dado certo, a promessa de construção de um outro país, aquele com a qual eu sonhara lá no Amapá, quando participava da Juventude Socialista. Parti rumo a Goiânia atrás do sonho daquela república comunista escondida nos desvãos do Brasil central e encontrava então Zé Porfírio. Não, o modelo de sociedade estava ali, naquela comunidade de camponeses, naquela experiência de coletividade, de irmandade, não no modelo de revolução maoísta. Mas fui à China em meio à Revolução Cultural. E Mao ensinava a possibilidade de uma guerrilha camponesa. Eu era um camponês, de origem indígena caetés. As ações de especulação das terras nos estrangularam. Sobrevivi para narrar. Na China, observei como eram feitas as plantações. Digo pouco sobre o treinamento, porque quero falar da vida camponesa. Estava lá para ter mais condições de enfrentar a luta armada no Brasil, mas eu não vou dizer mais. Falo que nos tratavam cordialmente, que não havia empáfia, orgulho, esses comportamentos abomináveis que vemos aqui.

Eu conhecia bem as pessoas da região onde nos instalaríamos. Meu pai negociava com o povo envolvido com a castanha. Conhecia as pessoas. Eu era dali, não um paulista, não um estrangeiro que necessitasse fingir uma ocupação profissional, misturando-se àquela gente que chegava de todos os lugares em busca

das promessas de posse da terra ou do ouro de Serra Pelada. Eu era daquela parcela de terra em ebulição e disputa. Sabia o que era aquele lugar de Estado ausente, presente apenas para proteger os grandes, os donos do mundo. Em 1945, o dono do mundo caiu e o PCB pôde desfrutar de um período tênue de sua legalidade. Devo lembrar de 1922, de Prestes, da revolução tenentista, do grupo que mais tarde ressurgiu para o golpe de 64. Ali estávamos na mata, fugindo de caminhos. Só tínhamos o rumo. Era preciso despistar as marcas dos pés. E eu sabia entrar e sair. Garanti a saída de Arroyo. Não me lembro o outro que nos acompanhava. Ouvimos tiros, possivelmente o outro grupamento caindo nas mãos dos militares em nosso encalço. Mas nós saímos. Eu garantia a compra dos remédios de pressão para o Arroyo. Eu e Elza Monerat conseguíamos entrar e sair. Ela era alpinista. Ela não tinha medo. Ela tinha a tranquilidade suficiente para não se denunciar. Se vocês me perguntarem aquelas perguntas que me enviaram antes, fica mais fácil para mim. Os sentidos não estão lá tão à mão.

Eu tive um corte na memória quando soube que não poderia retornar ao Pará. Encontrei ainda Arroyo em São Paulo, a Elza, o Pomar. Mas então, eu estava só de novo, sem o projeto sonhado de enfrentamento da ditadura, abortado o sonho que trouxera do Amapá. Eu me esqueci. Eu me esquecia. Tinha que anotar as coisas cotidianamente, porque no dia seguinte, eu não sabia o que tinha feito. Passei fome. Um pão tinha que durar café, almoço e janta. Fiz curso de eletricista pelo Instituto Universal Brasileiro. Não tinha um outro jeito de estudar. Deveria continuar clandestino. Aposentei-me como eletricista.

Aqui, enquanto narro, sou de novo Zezinho, esse nome que me escondia e me revelava como militante. Foram muitos anos sem saber do que fui. Precisei esquecer. Precisei reinventar meu destino. Agora eu conto. Não na linha reta que esperavam, porque os sentidos em mim ainda se movem, porque trago muitas faces que lutaram ao meu lado e não estão mais aqui. De novo sou menino caeté. De novo estou com meu pai. De novo sonho a república camponesa. Aí reencontro Porfírio. De novo treino na China. De novo estou com meus companheiros no Araguaia e preciso sair de lá, sem poder de novo regressar, porque todos estão já mortos. Eu sei a história porque eu a vivi.

Referências

MORAIS, T.; SILVA, E. **Operação Araguaia**: os arquivos secretos da guerrilha. São Paulo: Geração Editorial, 2005.